

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Júlia Naomi Kanazawa**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**

**São Paulo/SP**

**2020**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Júlia Naomi Kanazawa é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Cônego José Bento, em Jacareí, desde sua implantação, em 2000, instalado durante o projeto de Historiografia, e criado em parceria com o CMEFEUSP e apoio da FAPESP, para a criação dos oito centros de memória em escolas técnicas mais antigas do estado de São Paulo, sob a coordenação da Coordenadora de Projetos Júlia Falivene Alves na Cetec. Desde 2020, a professora Júlia Naomi é também coordenadora de projetos de memórias na Cetec, propondo e coordenando projetos de HAE de professores-pesquisadores em centros de memória institucional e relacionados à cultura material. Desde 2022, é curadora do site do Centro de Memória Virtual da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 03 de agosto de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 53 minutos e 52 segundos

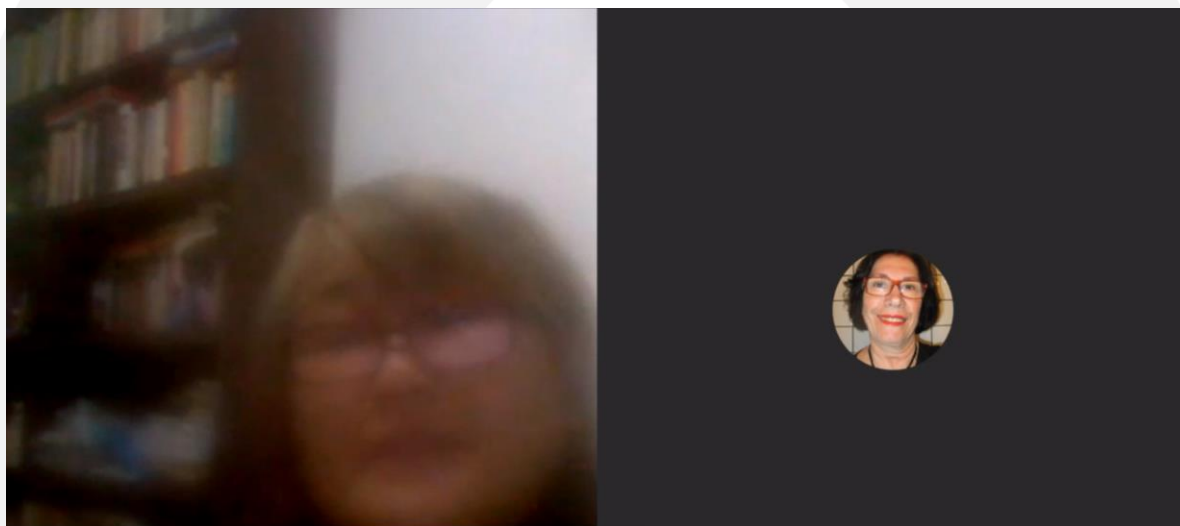
Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 23

## Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a minha imagem não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 03/08/2020.

Durante a transcrição da entrevista, iniciada em janeiro de 2025, solicitei a Júlia Naomi uma fotografia do quadro que foi pintado pela sua mãe, a sra. Teruyo Kanazawa, em 2007, e que conheci durante uma visita ao Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em Jacareí/SP, com docentes do GEPEMHEP e duas professoras argentinas que participaram da “Jornada Internacional Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional”, em setembro de 2013, em São Paulo/SP, e que aconteceu na Etec de Artes. Também solicitei a fotografia de Julia Naomi, criança, com seus pais nessa escola técnica, onde é professora de História e curadora do centro de memória, e recebi por e-mail em 08 de janeiro de 2025.



Centro de Memória Etec Cônego José Bento, pintado pela sra. Teruyo Kanazawa, em 2007.



Com meus pais, Choju Kanazawa e Teruyo Kanazawa, no jardim do Ginásio Agrícola Estadual/Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento, em 1969.

## Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 5 de janeiro a 9 de fevereiro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 16 de fevereiro de 2025.

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, professora Júlia Naomi Kanazawa, hoje, que é dia 3 de agosto de 2020, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para o nosso programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, principalmente, porque a professora trabalha há muitos anos no Centro Paula Souza, e praticamente quase iniciou no projeto de Historiografia das escolas técnicas mais antigas do estado de São Paulo. Então, eu gostaria de pedir para você se poderia contar um pouco da sua história de vida, onde você estudou, onde você nasceu, como é que você chegou no Centro Paula Souza, por quais motivos escolheu a sua profissão (risos), e depois, enfatizasse esse período que você tem trabalhado brilhantemente no Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em Jacareí.

**Julia Naomi Kanazawa (JNK):** Bom dia, Maria Lucia. Obrigada por essa oportunidade. Será um prazer conceder essa entrevista. Meu nome é Julia Naomi Kanazawa. Eu sou filha de descendentes de imigrantes japoneses. Eu chamaria de nisei. Então, meus pais vieram do Japão, em diferentes momentos da imigração para o Brasil. Meu pai veio de Fukushima num processo de imigração conhecido como Cotia Seinen. Esse processo de imigração foi feito entre a cooperativa agrícola do Brasil com o governo japonês para que jovens solteiros do Japão viessem para o Brasil trabalhar nas propriedades das famílias japonesas, que eram cooperadas aqui no Brasil. Porque os filhos dos japoneses agricultores aqui no Brasil já não queriam seguir a carreira do pai. Então, faltaria... Estava faltando mão de obra nessas propriedades. Daí, a solução alternativa buscada foi fazer um acordo com a cooperativa daqui. Fazer um acordo com o governo japonês e de trazer esses jovens solteiros. Então, de 1955 a 1959, esse processo que ficou conhecido como Cotia Seinen foi aplicado no Brasil. Meu pai veio em 1956. Falava-se em jovens solteiros, mas teve jovem que já veio casado aqui no Brasil. Mas em sua maioria eram solteiros. E meu pai, ele ficou com uma família de agricultores lá em Itaquera.



**JNK:** Então, por esse acordo, esses jovens teriam que ficar quatro anos na propriedade dessa família. E a partir daí, ele poderia adquirir seu próprio terreno e prosseguir a sua atividade. Quando completou três anos nessa propriedade familiar, ele pediu autorização para o senhor para ele poder estudar lá na Escola Profissional de Espírito Santo do Pinhal. Então, ele foi autorizado e ele fez dois anos de mestria na Escola Profissional de Pinhal. Depois, ele veio para Jacareí, num bairro conhecido como Santana, juntamente com outros jovens na época, e adquiriram propriedades nesse bairro. E daí ele começou a praticar agricultura.

**JNK:** A minha mãe já veio num outro processo de migração conhecido como JAMIC (Japan Migration and Colonization) que é uma companhia de colonização japonesa, que adquiriu terras vizinhas ao bairro onde meu pai tinha se instalado, em que o governo comprou terras e loteou para os imigrantes, tanto os que vieram do Japão como aqueles que já estavam radicados aqui em Jacareí. Então, ela chegou em 1961, juntamente com a sua família, e, também... Na verdade, eles se dedicaram à criação de aves, primeiramente. Depois, também se dedicaram à plantação de frutas. E aí, meus pais se conheceram, casaram-se e foram morar num bairro vizinho, conhecido como Takamori. E iniciaram a plantação de flores.

**JNK:** Bom, então a minha vida está relacionada à prática também da agricultura por meio dos meus pais.

**MLMC:** Que ano eles se casaram?

**JNK:** Então (risos), na verdade Maria Lucia, eu fui gerada antes do casamento oficial. Mas foi em 62, eles se casaram... 62... É isso mesmo, acho que em 62 eles se casaram. Eu nasci em julho de 63. Então, daí eles foram morar. Eu já tinha nascido. E adquiriram uma propriedade perto de onde eles moravam, que era Takamori. E lá eles começaram também a produzir flores, inicialmente. E a partir daí, seguimos a vida familiar até a década de 80. Eles se dedicaram à atividade agrícola. Depois meu pai faleceu e daí minha mãe voltou para o Japão. Ficou bastante tempo lá e depois retornou ao Brasil novamente. Hoje ela vive em São José dos Campos com a minha irmã e meu cunhado. Está com 76 anos. Bom, meu pai também quando veio para o Brasil, quando ele morava no bairro Santana, ele ensinou a língua portuguesa para os imigrantes que moravam na região. Minha mãe já tinha terminado o ensino médio no Japão e daí ela também se dedicou à agricultura aqui em Jacareí.

**MLMC:** E como é que você estudou?

**JNK:** Ah, sim, é verdade. Eu estudei de primeira à quarta série numa escola rural no bairro Parateí, que é onde meus pais constituíram a propriedade e tudo. E era uma escola mista, chamava Escola Mista Rural do Parateí do Meio. Hoje é uma escola da Secretaria de Educação, chamada Laura Gomes. Mas eu fiz de primeira à quarta série nesta instituição. Mas eu já morava no bairro que meu pai tinha adquirido a propriedade, que era Takamori. Então nós andávamos em torno de dois quilômetros à beira da linha do trem para chegar na escola e estudar. E do sexto ao terceiro ensino médio, nós tivemos que deslocar para a cidade e estudar numa instituição, que muitos dos que moravam na zona rural estudaram, que é a Escola Estadual Dr. Francisco Gomes da Silva Prado, que é uma escola que eu estudei durante toda a minha vida, até a terceira série do ensino médio e voltei para dar aulas. Eu me efetivei lá também como professora de História.

**MLMC:** E foi lá que você se aposentou também, não?

**JNK:** Também, na Secretaria de Educação, sim. Na Secretaria de Educação eu me aposentei por lá. Mas até chegar a me efetivar nesta escola, eu já dei aulas em outras escolas também. Mas na época da efetivação, no concurso que eu passei, eu escolhi essa escola para dar aulas (risos).

**MLMC:** E que disciplinas você sempre deu?

**JNK:** História. A minha licenciatura foi em História. E eu estudei na Universidade Estadual Paulista, lá no campus de Assis. Não dei aulas de outras disciplinas, digo, Geografia, por exemplo, porque a minha carga horária não contemplava, naquele momento. O direito de dar aulas em Geografia. Mas sempre foi em História (risos).

**MLMC:** E você estudou de que período? Você fez a faculdade?

**JNK:** A faculdade foi em 80... terminei no final... eu terminei em 89 a faculdade. Então, passei quatro anos em Assis, embora nesse meio tempo... eu vim para a Unicamp e estudei seis meses. Depois eu voltei para lá para concluir o meu curso. E na época que eu era estudante, eu realizei um projeto de pesquisa pela FAPESP, de Iniciação Científica, sobre a Folia de Reis e a Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Paranapanema. Um estudo mais antropológico, e, também fiz estágio no Museu da Prefeitura Municipal de Assis.

**MLMC:** E esse trabalho de Iniciação Científica era com algum professor específico da escola? Como era? Como funcionava?

**JNK:** Sim, era com orientador. Era a professora Célia Penço, que dava aula de antropologia na universidade. Mas fui coorientada por uma professora de História Medieval, a professora Maria Guadalupe Sanches. E, também com a ajuda de outros professores, mas oficialmente era a professora Célia Penço.

**MLMC:** E isso foi mais ou menos em que período?

**JNK:** Foi na década de 80 mesmo que eu fiz, 86. Em torno de 86 mesmo, 86, 87 foi. É, 86. Então, nessa pesquisa de iniciação, nós participamos de in loco das festas, tanto da Festa de Folia de Reis, como do Divino Espírito Santo, que era bastante... promovida. Eram festas locais, bastante frequentadas, praticadas, enfim.

**MLMC:** Até hoje, ainda assim, essas festas existem.

**JNK:** Até hoje existem aqui em Jacareí, por exemplo, tem bairros que promovem a Folia de Reis, especialmente.

**MLMC:** O que é muito bom, não é?

**JNK:** É o que é muito bom. Bom, Maria Lucia, você me questionou por que eu fui fazer História. É sempre a gente tem uma referência. Eu tinha um professor de História, o professor José Simplício, que já naquela época ele tinha uma estratégia diferente de dar aulas, que não só em livros didáticos. Ele usava livros didáticos, mas a forma como ele conduzia a aula, de participação dialógica, tudo, é que me fez assim encantar pela História, de tentar compreender melhor a realidade, a sociedade que a gente vivia. Embora ele não tivesse muita paciência com a gente, eu percebia isso, mas ele tinha uma... Embora eu tivesse também professores de História, já naquela linha mais tradicional, positivista, que também foram igualmente competentes.

**JNK:** O professor Simplício, penso que ele não tinha muita essa paciência, porque ele já dava aula na universidade, e a gente era bem assim, na idade, ainda sexto, sétimo ano, que brincava um pouco na sala de aula.



**MLMC:** Você quer dizer que no ginásio você já começou a se interessar por História?

**JNK:** É, na verdade, eu tinha fascínio pela História do Egito antigo, da forma como o professor passava... passava as aulas dele, né? Então era bastante assim, interativa a aula dele, ele fazia a gente participar, participar dos fatos. (risos) Então eu já gostava bastante de História, mas também gostava de outras disciplinas, viu, Maria Lucia? Não vou... não vou dizer que eu não... gostava demais ou menos de outras matérias, gostava de Matemática também (risos). Pode ser que a Física e Química tivesse mais dificuldades, mas eu sempre gostei de todas as disciplinas. Então a minha trajetória, assim como dos meus colegas descendentes de japoneses, foi nessa escola, que formou a geração de descendentes japoneses. É uma referência para todos nós.

**MLMC:** E quando você ingressou na... você ingressou primeiro na Secretaria da Educação, depois foi para o Paulo Souza, como foi esse processo?

**JNK:** Ah, sim! Eu ingressei em 91 na Secretaria da Educação, como ACT, não era na condição ainda de efetiva, e sempre estava prestando atenção nos concursos, né? Então, quando eu comecei a dar aula, falei assim: - ah, um dia eu quero dar aula aqui na Escola Silva Prado, uma escola que eu formei. Da mesma forma, quando eu passava em frente à Escola Agrícola, falava: - ah, um dia eu quero dar aula aqui. Daí apareceu o concurso, que foi em 94, foi um concurso estadual, não era um concurso local. Então foi o primeiro concurso que o Centro Paula Souza abriu para o ingresso dos professores na rede. Na rede Paula Souza. Aí eu prestei, iniciei até com duas aulas, porque só tinham quatro, mas eu só podia assumir com duas aulas, porque as outras aulas estavam ainda com uma professora que estava terminando o contrato, né? Aí, na verdade, na época, eu tinha empatado com o professor, mas o que me desempatou foi a minha experiência no segundo grau, que eu já tinha pela Secretaria da Educação. E assim estou, este ano, há 25 anos no Centro Paula Souza.

**MLMC:** Quer dizer, você ingressou já num período histórico.

**JNK:** Sim, sim (risos).

**MLMC:** Essa mudança de virem as escolas técnicas da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência e Tecnologia, né?

**JNK:** Sim, é porque daí foi aberto o concurso, né, Maria Lucia. Então, na época eu estava prestando atenção nos concursos e tal, e prestei não só do Centro Paula Souza, mas também das prefeituras, enfim. Aí, como fui chamada e classificada em primeiro lugar, acabei escolhendo também na Secretaria da Ciência e Tecnologia na época, né? Sim.

**MLMC:** Então, você ficou quanto tempo só com duas aulas, e depois quantas aulas você passou a ter?

**JNK:** Ah, sim, sempre foram poucas, Maria Lucia. No ano seguinte, quando terminou o contrato da professora, aí eu já assumi as quatro aulas. Durante muito tempo, quando a escola só ofertou ensino Técnico Agropecuário, eu fiquei em torno dessas quatro aulas. Aí, quando na década de 90 se ampliou os cursos de Administração, Florestas, eu dei aulas à noite também, mas daí já comecei a dar aulas também no período noturno. Mas sempre em torno de dez aulas, de quatro a dez aulas. Hoje, que com a expansão, eu já tenho mais aulas (risos). E, ao mesmo tempo, eu acumulava cargo na Secretaria da Educação.

**MLMC:** E no Centro de Memória, como é que foi o seu ingresso?

**JNK:** Ah, então, na verdade, não necessariamente no Centro de Memória, mas no trabalho com a História e Memória da Instituição Escolar, eu já tinha Hae (horas atividades específicas) com a professora Júlia Falivene. Então, em 97, eu já tinha proposto um projeto Hae para ela. Ela era coordenadora, né?

**MLMC:** Exatamente, desse projeto de Historiografia mesmo, nessa época.

**JNK:** Sim, mas inicialmente eu entrei com uma solicitação de Hae a parte, antes de ingressar no projeto Historiografia. Isso se deu em 98, né, se não me engano.

**JNK:** É isso. Então, em 97, eu tinha o projeto que se chamava História da Nossa Escola, quando já fui levantando algumas fontes e trabalhar com pesquisa para recuperar a história da escola.

**MLMC:** Porque a Júlia (Júlia Falivene Alves), a Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), ela fez esse convite para o Centro Paula Souza, de ter acesso aos arquivos escolares, em 96, junto com uma orientanda dela.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Uma publicista.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** Daí, em 97, a Júlia já começou um trabalho com várias escolas.

**JNK:** Sim, mas não foi nesse primeiro momento que eu ingressei, né; no projeto de Historiografia. Nossa escola ingressou...

**MLMC:** Entendi.

**JNK:** Ela convidou, acho que, quatro escolas, primeiramente, né?

**MLMC:** Exatamente, isso. Em 97, tinham mais escolas, mas depois a FAPESP só aprovou para quatro escolas.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Para começar o projeto.

**JNK:** É, então, na verdade, eu já tinha um projeto individual. Daí, então, veio o convite para estar participando desse projeto de Historiografia, mais tarde.

**MLMC:** E como é que foi o ingresso? Que ano foi e o que aconteceu quando você ingressou?

**JNK:** No projeto de Historiografia?

**MLMC:** No de Historiografia, porque o centro de memória não tinha, então.

**MLMC:** Só foi quando você ingressou?

**JNK:** Sim, só quando ingressou, porque uma das metas desse projeto era mesmo criar centros de memória nas escolas participantes, né? Isso. Organizar, então...

**JNK:** E nem tínhamos pensado que o centro de memória fosse na antiga casa do diretor, porque lá ainda estava sendo ocupada pela Oficina Pedagógica de Jacareí, da Secretaria de Educação. Eles não tinham ainda saído do prédio. Então, a nossa proposta inicial era de instalar o centro de memória debaixo ali de onde funciona... Lá no prédio administrativo, naquela parte debaixo da secretaria, da diretoria. Inclusive, o professor Oswaldo, numa ocasião, foi fazer uma vistoria do local, tudo, e ele, na época, tinha comentado que ali não seria um local adequado por conta da umidade, enfim, da estrutura. Mas foi lá, numa pequena sala, que nós começamos a organizar os documentos e higienizar.

**MLMC:** Qual o professor Oswaldo? O Giorgi?

**JNK:** Não, o de Sorocaba. Você está lembrada dele, que era arquiteto?

**MLMC:** Ah sim, estou lembrada, da Fernando Prestes (Oswaldo Luiz Casconi).

**JNK:** Isso, na época ele estava assessorando o projeto também no sentido de...

**MLMC:** Identificar os lugares, porque ele é arquiteto.

**JNK:** Isso, os lugares, digamos, ideais para se organizar o centro de memória. Na época, o que a gente tinha para apresentar era esse espaço. Mas nós começamos lá a organizar...

**MLMC:** Onde ficava exatamente esse espaço?

**JNK:** Debaixo do... É no prédio administrativo.

**MLMC:** A onde fica a sala da direção?

**JNK:** Isso, mas na parte de baixo, onde hoje você tem a sala da APM, a cozinha dos funcionários e professores. Bom, mas lá, anteriormente, no começo da escola, também funcionou os dormitórios para os alunos. Então, numa dessas partes, nós iniciamos a organização do nosso centro de memória. A conquista do espaço lá da Secretaria... Quer dizer, da Oficina Pedagógica, foi possível porque a professora Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), a Júlia (Júlia Falivene Alves), a diretora nossa, na época, a Nádyá (Nádyá Moscoso Cicarelli), e nós, professores, nos empenhamos para solicitar o local para poder criar o nosso... Criar não, para a gente instalar o nosso centro de memória, que está até hoje.

**MLMC:** O que é fantástico.

**JNK:** Sim, nós temos problemas, já tivemos vários problemas também, inclusive de ... chuvas, que não tinha um telhado adequado, mas agora a gente já não tem tantos problemas, porque foi reformado o telhado, enfim.

**MLMC:** Mas hoje tem um espaço com várias salas que você pode distribuir, por isso que eu falo do fantástico, não têm tantos problemas.

**JNK:** É verdade, problemas estruturais, porque a construção tem muita madeira, foi feito um processo de descupinização também na época, com a verba da FAPESP foi possível fazer isso, porque lá o cupim é de solo. Mas enfim, com certeza nós temos um espaço privilegiado né Maria Lucia (risos) ... Então é uma casa, tem os seus cômodos que a gente pode dispor de uma forma mais adequada o acervo, mas eu ainda acho que para nós o espaço já está ficando pequeno o espaço, a gente teve que ampliar, por exemplo, para a gente abrigar os equipamentos, as ferramentas, nós tivemos que fazer isso em outro espaço, o “Espaço Memória” que é onde funcionou a escola primária também dentro da escola profissional.

**MLMC:** Júlia, com essa entrevista hoje, eu imagino o orgulho que a sua mãe tem, os seus pais tinham, de você ter estudado em **(eu não estudei, mas frequentei o espaço) frequentado** uma escola agrícola e depois estar trabalhando em uma escola agrícola. Agora eu consigo entender as pinturas da sua mãe da escola, porque deve ter de um valor aí relacionado com pertencimento muito interessante.

**JNK:** Na verdade Maria Lucia, eu acabei encontrando uma fotografia porque meus pais participavam das feiras agrícolas aqui na Etec (mostra a fotografia durante entrevista audiovisual). Então encontrei uma foto com os meus pais aqui no jardim de 69.

**MLMC:** Olha, essa fotografia vai para algum arquivo histórico (risos)

**JNK:** Aí, eu lembro Maria Lúcia que eu adorava andar de chinelos, e eu vim de chinelo, olha eu aqui (mostra na fotografia) não importava a roupa que eu estava (risos), olha eu aqui de chinelo. Até hoje eu adoro andar de chinelo. Então toda arrumada, o chinelo para mim era, era um calçado de saída também (risos).

**MLMC:** Muito interessante.



**JNK:** Então, eu tenho uma aluna da escola agora, que vai fazer um trabalho de conclusão sobre o jardim da escola. Então, eu falei que vou fornecer esse material para ela fazer o estudo dela sobre o jardim da escola.

**MLMC:** Aí que bom, que bom.

**JNK:** Além de outras fotografias, é claro. Mas, Maria Lucia, a escola que eu estudei de primeira à quarta série eram aquelas escolas rurais que existiam na época, dos vários municípios do estado de São Paulo, e que foram criadas para estar atendendo essa população rural que não dava para se deslocar.

**MLMC:** Julia tem algumas práticas que você desenvolve com os estudantes, que eu sempre admiro muito, desde quando te conheço. Eu queria que você falasse um pouco como é que surgiu essa ideia de trabalhar com os estudantes e como é que você vai ampliando e como você vai construindo isso, porque dá para perceber que é um trabalho contínuo, está dentro de uma linha de pesquisa, e que hoje eu fiquei sabendo que desde o colégio você trabalhava com iniciação científica e isso dá para compreender melhor toda a sua trajetória.

**JNK:** Então Maria Lucia, eu gostaria de destacar que: - meus pais sempre deram um valor muito grande para o estudo, e eles sempre valorizaram a formação acadêmica dos filhos e me lembro como meu pai já tinha dado aulas de português para os imigrantes daqui. Eu lembro que tanto ele como a minha mãe, eles estimulavam sempre e acompanhavam as nossas tarefas, faziam com a gente do lado da mesa. Então eu tenho bastante essa lembrança da valorização do estudo para eles. De seguir carreira depois, nas universidades, enfim. Agora essa prática de envolver alunos, eu já na Secretaria da Educação, eu e meu marido, que também já deu aulas de História, a gente já desenvolvia trabalhos com os alunos de pesquisa, de pesquisa histórica com os alunos. É claro, dentro das condições dos alunos de ensino médio, então nós, a prática historiadora que a gente sempre defende não é formar historiadores, mas os alunos precisam entender que a História é uma ciência, é uma ciência em construção, mas que não é aquilo que está nos livros didáticos, aquelas relações de fatos, de datas, mas que tem todo um trabalho de pesquisa por trás, até chegar nessa compilação de fatos, de datas, do livro didático. Então pensando nisso também, eu sempre tive essa intenção de tornar a História, de mostrar, demonstrar aos alunos de que a História também é uma ciência, mesmo que eles não sigam a carreira de historiador, mas que existe uma prática.

**MLMC:** É Científico, né.

**JNK:** Exatamente. Nesse sentido que eu me preocupo ao dar aulas, mas não é ficar ensinando fatos e datas, mas a prática em si.

**MLMC:** Você sabe Julia, que isso que você está falando agora, quando eu dava aula de Bromatologia na Carlos de Campos, eu entrava uma hora antes para encher as lousas do laboratório com moléculas, para eles entenderem, não era para eles gravarem tudo, mas para eles entenderem e eu contar para eles como é que surgiu aquele método de análise e o que significavam aqueles componentes e que aquela era uma linguagem dos químicos.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** E que eles não precisavam decorar, mas saberem exatamente sobre o desenvolvimento da ciência. Eu gostei muito de saber que você também fazia um trabalho semelhante com os estudantes.

**JNK:** Sim, na verdade eu sempre defendi essa ideia porque desde a minha formação eu já tive essa, como que se diz, essa defesa dessa prática: não é mais aquela História positivista. É, eu falo assim: gente o conhecimento é construído, não existe verdades absolutas, ainda mais em História (risos). Então eu me lembro muito de uma leitura que eu fiz, que é “Ensinar e aprender”, e que é muito mais difícil. E é justamente o que o Pedro Demo defende hoje: - você tem que ensinar o aluno a aprender, que é muito mais difícil do que simplesmente jogar conteúdo para ele.

**MLMC:** Porque até o aprender defende muito do envolvimento dele na busca pelo conhecimento, né

**JNK:** Sim, e eu sempre falo para eles que nesse sentido, o professor também tem que ser sempre um pesquisador, porque daí ele vai entender o que é a busca pelo conhecimento e é o que o Novoa, o professor Novoa também defende: - que o professor tem que ser um pesquisador também, para que na sua prática ele vai entender o caminho.

**MLMC:** E aquele professor que não é rotineiro. Porque eu me lembro que todos os anos você vai montar o plano de ensino e você altera também, você vai buscar coisas novas. Você se estimula e você estimula o outro também.

**JNK:** Eu sempre falo também o plano ele é o nosso caminho: - não é simplesmente copiar e colar (risos). Então isso eu já defendo desde o meu início como professora e com o projeto de Historiografia, e isso já antes com a Julia e com as orientações dela, isso ficou mais claro. Por quê? Porque ele exigia uma formação pedagógica no desenvolvimento do projeto, então você tinha que envolver os alunos nas atividades.

**MLMC:** Até porque a gente produz mais naquilo que a gente se vê e que tem uma relação de pertencimento, né.

**JNK:** Sim exatamente. E aí você vê também o aluno como produtor, produtor de conhecimento, não digo a nível de universitário.

**MLMC:** Gostei da palestra do Pedro Demo e eu vi que você estava lá também, exatamente. Ele ressaltou muito isso do aluno autor.

**JNK:** Sim do aluno autor. Porque é claro que dentro dos limites do Ensino Médio, mas eu dou muito e proponho essa produção narrativa e que você também sempre pede, pediu, nos clubes de memórias, e eu acho que é importante sobre essa questão da autoria.

**MLMC:** Porque a pessoa tem que refletir sobre o que ela leu, ela dar destaque para determinados pontos e se apropriar dele para os projetos que ela desenvolve.

**JNK:** Sim, refletir também na prática do professor também. Então essa questão de envolver alunos ela também sempre esteve presente na nossa prática porque senão, é o sentido, também, Maria Lucia, de aprendizagem.

**MLMC:** Julia, você acha, porque eu sempre tive mais dificuldade de conseguir isso na Carlos de Campos, de envolver alunos, também eu fiquei um ano e pouco só. Bom, não é bem verdade, eu tinha uma turma de alunos sim. Mas eu sempre tive dificuldade de envolver outros professores, por mais que eu fale: - envolvam os alunos.

**JNK:** Então, eu acho e aí eu tenho conversado com alguns colegas, que também me questionam como que se consegue envolver os alunos. Mas isso também tem que partir um pouco de nós Maria Lucia, porque eles não vão vir só. Penso que: - a partir da nossa fala eles se interessam.

**MLMC:** Você vê que eu voltei atrás, porque eu fazia exatamente o que você faz: - eles iam para os “Desafios Escolares”, eu envolvia eles em vários eventos, e daí nós ganhávamos prêmios e fizemos até programa de rádio.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** É isso mesmo, você sempre envolve um grupo menor, como é trabalhar com memórias. Você tem um grupo que não é tão grande, mas é difícil também atrair profissionais para esse projeto, e como é difícil fazer a sociedade valorizar o patrimônio social e cultural.

**JNK:** Isso é uma questão cultural também (risos) do país como um todo Maria Lucia, mas a gente vai insistindo, você entendeu.

**MLMC:** Júlia tem alguma outra coisa que você gostaria de destacar para a gente fechar a entrevista?

**JNK:** Ah! bom, mas tinha várias outras coisas. Então, na verdade, eu quis manter um pouco o vínculo com a sala de aula, mesmo como coordenadora de projetos. (risos)

**MLMC:** É muito importante destacar que agora você é uma das coordenadoras de projetos do GEPEMHEP.

**JNK:** Eu agradeço bastante o seu convite Maria Lucia, é um privilégio, e espero estar colaborando mesmo, com o trabalho.

**MLMC:** E está Júlia e nós temos muitas coisas ainda para fazer juntas.

**JNK:** Sim, mas eu quis manter o vínculo com as salas de aula Maria Lucia, justamente para eu poder estar envolvendo no trabalho, continuar envolvendo no trabalho do centro de memória.

**MLMC:** Eu acho importante você continuar ligada ao centro de memória até para a gente fazer essa ponte do Centro de Memória de Jacareí com o GEPEMHEP, para a gente ir envolvendo depois os professores e inclusive posteriormente para a gente ampliar o grupo.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Inclusive, porque você tem melhores do que todos os nossos centros de memória. E mesmo o apoio que você tem da direção da escola, e que tem vários pontos positivos na Etec Cônego José Bento de valorização desse patrimônio cultural histórico educativo.

**JNK:** Sim, sim. Isso, né. Eu, em relação aos diretores, nós não temos do que reclamar, porque desde o início eles sempre valorizaram o nosso trabalho, mas também sempre a gente tem que estar lutando para isso, né Maria Lucia. De sempre estar repetindo: - olha isso é importante, assim como nós fazemos com os alunos,

**MLMC:** Com os professores.

**JNK:** Sim, com os colegas, e eu sempre penso assim: - num diálogo que a gente tem que estabelecer e tentar conscientizar da importância. Porque é muito importante o professor ter um olhar sobre o passado, entender esse passado, para realmente ele analisar o presente.

**MLMC:** Em todas as áreas, né, e por isso eu acho importante ter os centros de memória nas escolas e envolver os professores. E, no nosso trabalho, no meu e no seu, eu também acho importante nós termos linhas de pesquisa, que a gente abraça enquanto pesquisador individual, e as metas que a gente tem na Cetec todos os anos, e de estar sempre propondo projetos novos e coletivos. Então, eu acho que a gente vai se dar muito bem trabalhando, porque a gente tem os mesmos objetivos.

**JNK:** E, também não só as metas na Cetec, mas metas na Etec também.

**MLMC:** É, tanto que eu tenho já há alguns anos, eu tenho incluído nos pareceres, e eu tenho dito para eles ligarem com as metas do Planos Pedagógico, coloco no parecer e quando não tem, eu coloco que não tem, para eles ir absorvendo isso, pra gente ir trabalhando em rede, né. Porque teremos mais força trabalhando em rede.

**JNK:** E, também essa questão da cooperação mesmo, né Maria Lucia.

**MLMC:** Sim. E, também da instituição valorizar o trabalho.

**JNK:** Sim, sim. Eu posso dizer que eu tenho colegas, funcionários, que valorizam esse patrimônio e sempre estão também contribuindo e insistindo.



**MLMC:** Nos nossos projetos eu agradeço muito o professor Almério pelo apoio, você vê que faz parte do Plano de Metas já há alguns anos, e que está ligado a meta do gabinete e então que a gente tem apoio institucional, com a produção de livro anual.

**JNK:** Sim, sim. O reconhecimento.

**MLMC:** Isso que nós fazemos hoje vai ficar para as gerações futuras. Como hoje nos apropriamos desses escritos por Horácio Augusto da Silveira, ainda bem que ele deixou escrito, né

**JNK:** Sim, pois é (risos). Então, eu acho importante o nosso trabalho, é um legado, a gente sempre tem que pensar que a gente tem que envolver e estimular. É um trabalho árduo, mas é o que nos motiva.

**MLMC:** Árduo, porque nunca damos conta de tudo o que temos para fazer.

**JNK:** E, também motivacional né Maria Lucia, a gente tem essa motivação em primeiro lugar (risos).

**MLMC:** Bom, Julia eu vou transcrever essa entrevista e eu agradeço muito você ter concedido, hoje que é dia 3 de agosto de 2020, para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, essa entrevista que faz parte do programa “História oral na educação: memórias do trabalho docente” e assim que eu a transcrever vou lhe encaminhar os termos de autorização para que a gente possa disponibilizar no nosso centro de memória no site de memórias e depois vamos fazer outras entrevistas porque eu tenho certeza que você tem muito o que contar para nós.

**JNK:** (risos) Eu sempre estar contribuindo e eu agradeço mesmo por esta ocasião, evidentemente que tenho outras várias coisas para falar, mas deixaremos isso para um outro momento.

**MLMC:** E, também espero que a próxima não seja como essa que estamos fazendo em época de pandemia, em isolamento, embora tecnológica, nada substitui olho no olho principalmente numa entrevista de história oral.

**JNK:** Exatamente, mas não deixa de ser uma oportunidade também, não é Maria Lucia.

**MLMC:** Não podemos perder nenhuma. Ainda bem que no Centro Paula Souza nós já vínhamos trabalhando forma híbrida, parcialmente, porque senão não teríamos conseguido se adaptar tão rapidamente.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** Acho excelente que está acontecendo conosco e poder continuar trabalhando juntos, mesmo isolados.

**JNK:** Sim, e estamos trabalhando bastante Maria Lucia

**MLMC:** Muito.

**JNK:** Sim, que bom Maria Lucia.

**MLMC:** Como não dá para sair, então é trabalho, trabalho, trabalho.

**JNK:** Sempre penso que o trabalho faz parte da existência humana e a que gente tem que encontrar sentido.

**MLMC:** Como dizia o Ferreira Gullar: A arte existe porque a vida só não basta”

**JNK:** (risos) Eu penso que a gente sempre tem que encontrar um motivo para o nosso trabalho, com direcionamento e aliado é claro ao lazer, porque o trabalho faz parte da existência humana.

**MLMC:** Obrigado, ciao.

**JNK:** Ciao (latidos de cachorros)

#### **Descritores:**

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centro de memória

Curador

Etec Cônego José Bento

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

Julia Naomi Kanazawa

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Julia Falivene Alves

Carmen Sylvia Vidigal Moraes

Horas atividades específicas

Migração japonesa

Técnico em Agropecuária

Historiografia

Centro de Memória Virtual

Coordenadora de Projetos

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Pandemia do Covid 19

Cooperativa de Cotia

Ensino Médio

Secretaria da Educação

Secretaria da Ciência e Tecnologia

### Dados Biográficos da Entrevistada



**Júlia Naomi Kanazawa** - Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (1990). Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2008). Doutora em Educação pela

Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Docente da Etec Cônego José Bento / CEETEPS-SP. Professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza. Integrante. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: história e memória da educação profissional, cultura material escolar e imigração japonesa. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/1717468973703821> Acesso em: 05 fev. 2025.

### Dados Biográficos da Entrevistadora



**Maria Lucia Mendes de Carvalho** - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem

experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

**Anexos** (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Júlia Naomi Kanazawa

Termo de uso de Imagem de Júlia Naomi Kanazawa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Júlia Naomi Kanazawa